

NETTO, João T.C. **A construção no sentido da arquitetura.**  
Coleção Debates arquitetura. Editora Perspecitva. São Paulo,  
1979.

---

Aluna: Veridiana Atanasio

## Prefácio: Por uma Linguagem da Arquitetura

- **Linguagem:** Arquitetura é arte e desta forma necessita de uma linguagem mais ou menos intuitiva que esteja ao alcance do receptor – não apenas ao alcance do criador.
- **Elementos da linguagem:** discurso do espaço em si mesmo (arranjo espacial) e o discurso estético do espaço (arranjo espacial sobre forma artística)
- **Significado de arquitetura x Significado de espaço**
- **Livro:** não pretende definir o termo espaço e sim mostrar qualificá-lo...

*“Espaço como uma forma genérica de expressão que efetivamente informa o homem e como detentor de sentidos passíveis de uma formalização necessária para a operação sobre este mesmo espaço, para a prática arquitetural”*



## 1. O sentido do espaço

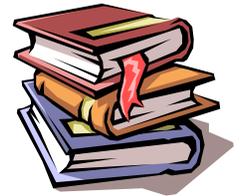
**Uma definição de arquitetura...** Segundo Augusto Perret: “Arquitetura é a arte de organizar o espaço que se exprime através da construção”. Assim como Perret, muitos tentam definir arquitetura... que depende da definição de espaço pois **estes estão intimamente ligados**. Segundo o autor, os arquitetos não sabem o sentido de espaço fazendo com que estes trabalhem às escuras.

**Semiologia da arquitetura?...** Definido o objeto da arquitetura como sendo a produção do espaço é necessário **estudar sobre suas limitações e espécies**.

Segundo o autor:

”os estudos de semiologia **são pouco úteis** no que diz respeito ao estabelecimento de uma semiologia do espaço arquitetural de carácter genérico e englobante, passível de **ser utilizada como instrumento de trabalho** e não apenas como tema de **infundáveis discussões teóricas**”...

“Pesquisas semiológicas constituem um verdadeiro circo onde cada um manipula um conceito particular que provocará modelos cuja utilidade consiste unicamente em existir enquanto tais e mais nada”...



Há outra razão ainda para deixar de lado tais pesquisas: “todo estabelecimento de um modelo semiológico tem por resultado **a fixação do discurso analisado em moldes inelásticos apreende-se e imobiliza-se o objeto de estudo**”

Excessiva preocupação com a ordem e um excessivo reducionismo

Soma imensa de dados importantes mas, pela falta de organicidade, tornam-se inoperantes

Busca-se neste livro, um processo que retire de onde for conveniente o material necessário, a indagação será praticamente, no sentido expresso **anti-semiótica.**

Demarcação e a proposição de um esquema definidor do espaço arquitetônico capaz de se apresentar como uma linguagem comum de análise e reflexão:

- Análise **sem exaustão**
- De nível mais **amplo de modo a delimitar apenas** e não “esmiuçar”
- Tão abrangente quanto possível embora permanecendo **simples** – podendo-se aprofundar na vertical a análise

- Premissas gerais:

O processo mais simples do conhecimento humano e manipulação da informação

**oposição binária (sim X não, aceso X apagado).**

Este processo só intervirá na determinação dos pares de opostos que formarão os eixos organizadores do sentido do espaço – será ressaltado no momento inicial da análise, com será visto a seguir.



X



## *Eixos organizadores do sentido do espaço...*

Objetivo da leitura do espaço criada a partir de eixos:

“Proceder a uma leitura do discurso arquitetural, mas ao invés de se seguir o caminho até aqui trilhado pela semiologia, propõe-se organizar o discurso arquitetural num sistema (eixos) investigar as referências (significados) livremente a partir do ponto de vista exigido mais imediatamente pela natureza de casa eixo”.

Eixos organizadores do espaço:

- A determinação dos eixos foi feita de modo a poder ser considerada a mais ampla necessária.
- Os eixos possuem conecção vertical
- O modo de resolver estas oposições é como jogar de maneira dialética entre um e outro

## 1º Eixo do espaço arquitetural: Espaço interior X Espaço exterior

Há uma tendência em considerar o espaço interior como o domínio da arquitetura e o espaço exterior como pertencendo ao urbanismo.

“A oposição exterior/interior pode ser contornada/amenizada através de uma concepção que não mais receba estes **limites como barreiras**, marcos definitivos – **abolir muitas barreiras mas não todas** pois o homem necessita de seu espaço íntimo desde as sociedades mais primitivas.”.

Bruno Zevi propõe uma nova disciplina, a **Urbatetura**: planejar e projetar a cidade sem esquecer que ela é feita de casas e que na Renascença, por exemplo, propunha-se casas integradas à malha coletiva.

## 2º Eixo: Espaço privado X Espaço comum

Tão importante quanto identificar, formular e resolver o problema desta oposição é conhecer o significado dessas noções. Este estudo diz respeito aos diferentes usos que se faz de um certo espaço e aos diferentes sentidos que se atribuem a estes conforme a cultura e a época. Cabe ao arquiteto determinar as significações que assumem os membros de uma cultura cada um dos terminais deste eixo e saber na direção de qual deles “tende” a prática social deste grupo.

Não basta operar a partir de noções espaciais que se propõe como dados primeiros de uma cultura: é necessário, a partir destes dados, **propor organizações espaciais que funcionem como informadoras e formadoras dos usuários na direção de uma mudança de comportamento** que possa ser consideradas como aperfeiçoadoras das relações inter-humanas e motrizes do pleno desenvolvimento individual.



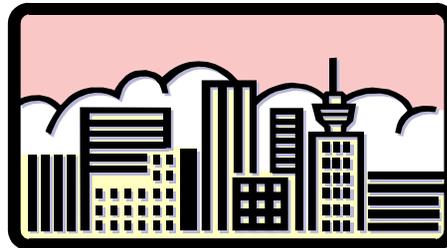
### 3º Eixo: Espaço construído X Espaço não construído

Um dos traços definidores da arquitetura é a “**ocupação do espaço**”.  
Arquitetura pode ou não implicar nesta ocupação.

A insistência de profissionais em utilizarem a expressão “**espaço livre**”  
pode continuar a reforçar a intuição de que o resultado da ação arquitetural  
apresenta sempre aspectos preponderantemente negativos ao homem –  
**espaço construído adquire significado de aprisionado afetando o  
homem.**

## 4º Eixo: Espaço artificial X Espaço natural

Se arquitetura é construção de espaço, elaboração e proposição feitas pelo homem, seria contraditório propor um espaço natural? Não: o conceito de espaço natural para o homem é de um espaço intocável, como uma floresta virgem onde prevalece o desordenado e livre – este espaço torna-se inoperante para o homem que ou renuncia-o ou desnaturaliza-o completamente. Para o autor a concepção de um espaço arquitetural natural pode constituir-se não apenas pela natureza livre como também por elementos da natureza dispostos pela ação do arquiteto – sem os excessos, portanto, dos jardins à francesa.



X



## 5º Eixo: Espaço amplo X Espaço restrito

Uma constatação importante é a relação de espaço amplo com espaço exterior e espaço restrito com espaço interior.

Significado de amplo e restrito para o homem: o restrito exerce **um fascínio e um temor** e a amplitude **atemoriza** da mesma forma que o vazio – o homem não domina por que não pode preencher.

Como determinar na prática qual é a dimensão que limita a diferença entre espaço amplo e restrito? A cultura de cada grupo de pessoas certamente exerce esta limitação.



X



## 6º Eixo: Espaço vertical X Espaço horizontal

Exemplo: Uma casa térrea. Ela possui, além dos cômodos na horizontal, um sótão e um porão – que fazem parte da verticalidade do edifício. Existem aspectos subjetivos envolvidos nesta verticalidade o sótão é claro, cobre a casa, possui uma função racional; o porão localiza-se na parte inferior (escuro, medo, sombras) - possuindo um jogo de racionalidade e misticismo dentro da casa.

**Num edifício de apartamentos a vida é sem encantos, sem mistérios.** apenas uma caixa colocada uma sobre as outras (cada unidade transformou-se em uma casa horizontal – diferentemente da anterior).

Exemplos de verticalidade são facilmente percebidos nos edifícios do período gótico. Alguns autores defendem que as catedrais góticas possuem racionalidade pois o discurso gótico é fortemente estruturado nas obras; outros defendem que elas são manifestações do misticismo humano (“nave iluminada ao caminho do paraíso - elevação aos céus”)

## 7º Eixo: Espaço geométrico X Espaço não-geométrico

### *Primeira parte da questão: o relacionamento entre geometria e o pensamento arquitetural*

“A esquematização geométrica favorece um esclarecimento dos aspectos visados, um tornar mais claro, mais imediato, uma determinação da realidade”. “O pensamento arquitetural pode manter relações com a esquematização geométrica, criando assim uma representação de seu objeto, que é o Espaço Real”

### *Segunda parte: o papel da geometria na prática da arquitetura*

A prática da arquitetura tem sido tal que os arquitetos confundem o concreto com o abstrato, confunde o pensamento sobre o espaço com o próprio espaço e acabam por impor um espaço de representação ao invés de propor um espaço real”.

Como visto acima, a representação é necessária embora possa criar um espaço irreal se for utilizada de maneira incorreta (a representação pode “enganar” o projetista). Um exemplo citado é a malha urbana modernista ortogonal: esta não se ajusta da melhor forma para topografias acentuadas.

“Os eixos aqui discutidos apresentam-se justamente como os **elementos organizadores de uma linguagem ressemantizada** que nada mais propõe que o abandono dos grunhidos dos arquitetos comerciais e antiarquitetos por um discurso lógico e poético ou simplesmente um **discurso mais humano**”.

**“Exigir essa linguagem consciente e livremente criativa é exigir o respeito à arquitetura, idêntico ao direito à própria pele”**